



# miguilim

VOLUME 13, NÚMERO 1 | JAN-ABR 2024

## CASIMIRO DE ABREU NO (NOVO) ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRAZILEIRO



## CASIMIRO DE ABREU IN THE *(NOVO) ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRAZILEIRO*

Francisco TOPA  
Universidade do Porto, Portugal

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA

RECEBIDO EM 14/08/2023 • APROVADO EM 22/04/2024

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i1.1050>

---

### Resumo

Depois de uma breve introdução sobre a forma almanaque, o artigo recolhe, sistematiza e avalia as diversas formas de presença da obra de Casimiro de Abreu no *Almanaque de Lembranças Luso-Brazileiro*. Conclui-se que a obra do autor de *As Primaveras* se fez presente no periódico por um longo período de quase oitenta anos, de 1858 a 1930, atravessando assim diversas correntes literárias.

---

### Abstract

After a brief introduction to the almanac, the paper collects, systematizes and evaluates the various forms of presence of the work of Casimiro de Abreu in the *Almanaque de Lembranças Luso-Brazileiro*. We conclude that the work of the author of *As Primaveras* was present in the periodical for a long period of almost eighty years, from 1858 to 1930, thus crossing several literary currents.

**Palavras-chave:** Casimiro de Abreu. *Almanaque de Lembranças Luso-Brazileiro*. Relações literárias Brasil-Portugal.

**Keywords:** Casimiro de Abreu. *Almanaque de Lembranças Luso-Brazileiro*. Literary relations Brazil-Portugal.

---

## Texto integral

---

Forma antiga, anterior à invenção da imprensa, o almanaque foi alargando os seus objetivos, deixando de ser apenas um guia em que se registavam os dados astronómicos e meteorológicos previstos para o ano seguinte e convertendo-se numa publicação mais eclética capaz de servir também de agenda e de fonte de informação, instrução e entretenimento. Dilatando progressivamente o seu público a ponto de se converter numa publicação de massas, o almanaque foi crescendo também em dimensão, chegando alguns dos seus títulos a apresentar meio milhar de páginas. Aos poucos foram sendo incluídas novas rubricas e os leitores passaram a ter um papel ativo, sendo incentivados a enviar para publicação os seus textos.

Um dos exemplos de maior êxito no universo de língua portuguesa foi o *Almanaque de Lembranças Luso-Brazileiro*, fundado em 1872 por Alexandre Magno de Castilho e que, com mudanças sucessivas, inclusive no nome, se manteve até 1932. É sobre ele que incidirá este artigo, que tem um objetivo preciso: rastrear e avaliar a presença nele de uma das vozes brasileiras mais populares de oitocentos, Casimiro de Abreu.

Como veremos, são múltiplas as formas de aparição do autor de *As Primaveras* no decurso da longa vida do periódico, o que talvez se tenha ficado a dever, não apenas ao apreço do público, mas também à circunstância de Casimiro ter vivido pouco menos de quatro anos em Portugal, onde aliás estreou e escreveu parte significativa da sua obra, ao mesmo tempo que se relacionava com uma série de figuras da intelectualidade e das letras portuguesas. De resto, a segunda edição, ampliada, do seu livro saiu no Porto, em 1866.

Apesar do que fica dito, é difícil, na ausência de estatísticas globais, avaliar comparativamente a representação de Casimiro no almanaque. Por um lado, é verdade que os editores não lhe dedicaram uma espécie de apresentação crítica, ao contrário do que aconteceu com muitos outros escritores portugueses e brasileiros da época. Mas é verdade também que o nome do poeta fluminense surge com frequência nas páginas do almanaque, sob quatro formas diferentes: a publicação (ou transcrição) de poemas; o uso, por parte de colaboradores do periódico, de passagens de textos seus como epígrafes; uma composição que lhe é dedicada; e, por último, o recurso a um carme seu como logograma.

Começemos pelo primeiro grupo, que é constituído por um total de doze poemas, formando uma pequena antologia dos mais populares textos do autor:

– No volume para 1858 (*Almanach*, 1857, p. 186-7), é transcrito o poema “Minha Terra.”, com a indicação de ter sido tirado da *Ilustração Luso-Brazileira* (saiu de facto no vol. I. n.º 16, de 19/04/1856, p. 122; o poema seria depois incluído em *Primaveras*, 1859, p. [9]-10);

- No número para 1859 (*Almanach*, 1858, p. 204), publica-se “O juramento.”, que será depois incluído na edição do ano seguinte das obras do autor (*Primaveras*, 1859, p. [87]-9). Há, contudo, algumas variantes, geralmente por substituição e com valor sobretudo estilístico: no v. 3, “Que jamais cumpridas são!”, o advérbio é substituído por *nunca*; no v. 30, “Ao som de meus ternos hymnos”, passará a ler-se “... *dos mais...*”; no v. 41, “«Cento e dois beijos por dia,»”, muda o numeral, que passa a *Quarenta*, o mesmo acontecendo no seguinte, “«E vinte abraços por hora!»”, neste caso com a passagem para *dez*;

- Na edição para 1860 (*Almanach*, 1859, p. 75-6, 197 e 298), são incluídos três textos: “A valsa.” (*Primaveras*, 1859, p. [99]-105), “Tres Cantos.”<sup>1</sup> (*Primaveras*, 1859, p. [173]-4) e “Pranto de Virgem.” (*Primaveras*, 1859, p. [111]-2, sob o título “Quando tu choras.”). No segundo poema, há duas variantes com algum significado: o v. 10, “No fogo da juventude,” começa na edição em livro por *Nos dias...*, ao passo que no v. 12, “É que a fronte tem calor;” passamos a ter *E que...* Quanto à terceira composição, há, para além da diferença no título, duas variantes com significado: no v. 19, “E ás flores todas – venturoso amante!”, o adjetivo é substituído por *...tão feliz...*; no verso seguinte, “Cioso aspira o matutino orvalho.”, o verbo passa a *surve* na edição em livro;



**Figura 1** – Capa do I volume de *A Illustração Luso-brasileira*

- No tomo para 1861 (*Almanach*, 1860, p. 105), vem incorporado o poema “A Faustino Xavier de Novaes.”, que tem aqui a sua primeira edição, passando

<sup>1</sup> Este poema voltaria a ser publicado no volume para 1869 (*Almanach*, 1868, p. 371).

depois a integrar a segunda edição de *Primaveras* (1866, p. [207]-9). No mesmo volume (*Almanach*, 1860, p. 351), lemos também “Lembrança (N’um album)” (*Primaveras*, 1859, p. [181]-2);

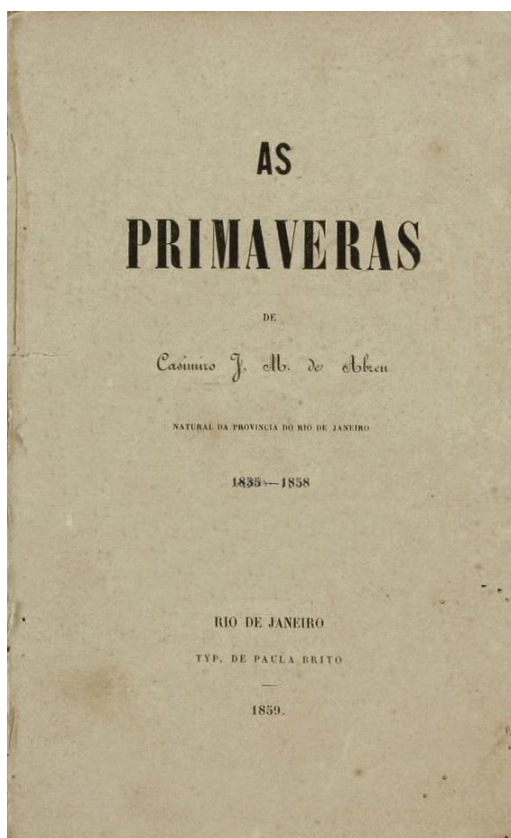
- Na edição para 1865 (*Novo Almanach*, 1864, p. 364), temos o carme “Deus!” (*Primaveras*, 1859: [75]-6)<sup>2</sup>;

- O volume para 1866 (*Novo Almanach*, 1865, p. 216) inclui “Risos.” (*Primaveras*, 1859, p. [237]-8);

- O número do ano seguinte (*Novo Almanach*, 1866, p. 244-5) publica “O que?” (*Primaveras*, 1859, p. [121]-2), havendo uma variante no *incipit* dos vv. 16 e 20: o *Almanach* registra “Dize”, ao passo que na edição em livro vem *Diz-me*;

- No volume para 1873 (*Novo Almanach*, 1872, p. 359), é transcrito o poema “O que é – Sympathia.” (*Primaveras*, 1859, p. [135]-6; trata-se do poema que encerra com o verso “– Sympathia – é – quasi amor!”, de amplo curso no Brasil, de Aldir Blanc a um bloco carnavalesco do Rio de Janeiro, passando por letras de canções);

- Por fim, no volume para o ano seguinte (*Novo Almanach*, 1873: 254), publica-se “Orações.” (*Primaveras*, 1859, p. [71]-2).



**Figura 2** – Capa da 1.<sup>a</sup> edição de *As Primaveras* (1859)

Quanto às epígrafes, identifiquei seis ocorrências, também relacionadas com poemas muito popularizados de Casimiro, alguns dos quais, aliás, publicados no almanaque:

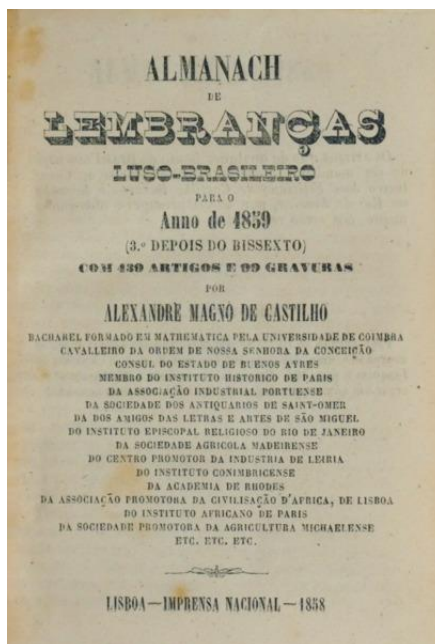
<sup>2</sup> O poema seria republicado no volume para 1924 (*Novo almanach*, 1923, p. 172).

- Na edição para 1884 (*Novo Almanach*, 1883, p. 277), B. Sergio d'Andrade ("Brazileiro - Amazonas"), numa composição intitulada "A minha terra", usa como epígrafe o seguinte dístico do poeta fluminense: "Todos cantam sua terra/ Também vou cantar a minha" (que abre o conhecido poema "Minha terra", *Primaveras*, 1859, p. [9]);

- No número para o ano seguinte (*Novo Almanach*, 1884, p. 227), Joaquim Pestana, da Madeira, usa como epígrafe para o seu poema "Minha mãe (N'uma doença)", esta quadra de Casimiro: "Quizera a vida mais longa/ se mais longa Deus m'a déra,/ porque é linda a primavera,/ porque é doce este arrebol." (vv. 31-34 do poema "No leito", *Primaveras*, 1859, p. 225)<sup>3</sup>;

- No volume para 1889 (*Novo Almanach*, 1888, p. 330), Fernandes Lima (de "Camaragibe - Alagoas"), num carme intitulado "Versos", usa como epígrafe um dístico de Casimiro: "Queria de harmonia encher-te a vida/ Palmas na frente - no regaço flôres!" (vv. 19-20 do poema "A.", *Primaveras*, 1859: s/p). No volume para 1893 (*Novo Almanach*, 1892, p. 190), Joaquim José Pereira da Cunha, de Itaituba, Pará, usa no poema "Anniversario" os mesmos dois versos;

- Na coleção destinada a 1895 (*Novo Almanach*, 1894, p. 463-4), F. Ângelo Santiago, de Limoeiro, Ceará, publica uma espécie de crónica em que usa como epígrafe os seguintes versos: "Ás vezes louca n'um scismar perdida/ Minh'alma triste vae vagando á tôa..." (vv. 9-10 da parte II de "Minh'alma é triste.", *Primaveras*, 1859, p. 189);



**Figura 3** – Folha de rosto do *Almanach* para 1859

- Por fim, no *Almanach* para 1930, vem o poema "A minha terra" (*Novo almanach*, 1929, p. 200), de Silvestre Rodrigues, de Lisboa, que utiliza a seguinte epígrafe de Casimiro: "Todos cantam sua terra/ Também vou cantar a minha./ ...../ Tem tantas belezas, tantas,/ A minha terra natal,/ Que nem as

<sup>3</sup> O poema de Joaquim Pestana voltaria a sair no volume para 1898 (*Novo almanach*, 1897, p. 71).

sonha um poeta,/ E nem as conta um mortal!” (vv. 1-2 e 17-20 de “Minha terra.”, *Primaveras*, 1859, p. [9]-10).

O terceiro grupo, o de textos dedicados ao vate brasileiro, tem um único exemplar, assinado por D. Georgina de Carvalho, cuja naturalidade não é indicada, embora seja de presumir, por outros textos seus inseridos no periódico, que se trate de uma portuguesa. O poema, em oitavas de redondilha maior, figura no volume para 1878 (*Novo almanach*, 1877, p. 351) e destaca sobretudo o génio e a morte precoce do vate:

A Casimiro d’Abreu.

É triste na madrugada  
ver o lyrio desfolhado,  
ver o cedro derrubado,  
por prematuro tufão!  
É triste ver a avesinha  
erguer o vôo contente,  
e um tiro após, de repente,  
prostral-a morta no chão!

É triste ver o poeta  
na primavera da vida,  
n’essa idade tão florida  
em que tudo lhe sorri;  
quando a auréola do genio  
vem meiga a fronte cingir-lhe  
e perto a gloria a sorrir-lhe,  
que a morte o roube p’ra si!

Mas a vida do poeta,  
é breve como a da planta:  
como a rôla que descansa  
sósinha, sem ter ninguem,  
assim o *louco sublime*  
nas azas da phantasia,  
cria mundos de poesia  
que a morte aniquilar vem!

Que louco! murmura o mundo  
que não pode comprehender  
que belleza possa haver  
n’uma noute de luar;  
no estallar das folhas seccas,  
no céo, n’um canto d’amores,  
na brisa que beija as flores  
ou no sussurro do mar!

Para elle tem attractivos,  
ao findar da tarde bella,  
o canto da philomella  
que os eccos vem accordar;

e em noute branda e serena,  
o mar, a lua espelhando,  
e a barquinha deslizando  
na superficie do mar.

Para elle, o sonhador,  
o cantor das melodias,  
não ha outras alegrias,  
o mundo causa-lhe dó!  
Matam-lhe as crenças mais santas,  
o amor e a esp'rança mais viva,  
té que a fronte pensativa  
vae esconder-se no pó.

Eu sobre o humilde ataúde  
do mancebo trovador  
venho hoje um canto depôr,  
e uma saudade esfolhar.  
É bem mesquinha a offerta!  
mas rica de sentimento,  
homenagem ao talento  
que mal poude sazonar!

Dorme! A chamma do teu genio  
revive nas *Primaveras*;  
chame-lhe o mundo chimeras,  
que t'importa o mundo já?  
Junto á tua sepultura  
vae cantar sobre a palmeira,  
ou nos ramos da mangueira,  
o teu querido sabiá.

D. Georgina de Carvalho

A última tipologia, menos inesperada do que hoje possa parecer<sup>4</sup>, diz respeito ao uso de um poema de Casimiro como logogrifo (*Novo almanach*, 1887, p. 370-1):

Logogripho XXXVIII (Por Letras)

Sobre a mimosa poesia de Casimiro de Abreu

(Offerecido ao meu amigo Polidoro da Companhia Pery)

Nas horas mortas da noite — 7, 5, 6, 2  
Como é doce o meditar!  
Quando as estrellas scintillam  
Nas ondas quietas do mar!

<sup>4</sup> De facto, e embora não disponha de números, pude verificar que há vários casos semelhantes, em que poemas de autores conhecidos são usados como base de logogrifos.

Quando a lua magestosa  
Surgindo linda e formosa,  
como a donzela vaidosa — 6, 8, 1, 9  
Nas aguas se vae mirar.

N'essas horas de silencio — 1, 2, 5  
De tristezas e de amor,  
Eu gosto de ouvir ao longe — 7, 9, 8, 4, 5  
Cheio de magoa e de dôr,  
O sino do campanario  
Que falla tão solitario — 3, 9, 1, 4, 2  
Com esse som mortuario  
Que nos enche de pavor!

Então proscripto e sósinho,  
Eu solto aos echos da serra — 3, 8, 2  
Suspiros d'essa saudade — 9, 8, 3  
Que no meu peito se encerra!  
Esses prantos de amargores,  
São prantos cheios de dores,  
Suspiros dos meus amores,  
Saudades da minha terra...

Laurindo Paraná  
(Taquary – Rio Grande do Sul)

Trata-se do poema “Saudades.” (*Primaveras*, 1859, p. [15]-6). Quanto à solução, seria anunciada no número seguinte: *Nostalgia*.

Concluindo, podemos dizer que o conjunto destes elementos nos mostra uma presença regular da obra de Casimiro de Abreu no (*Novo*) *almanaque luso-brasileiro* num longo período de quase oitenta anos, que vai de 1858 a 1930, quando o primeiro modernismo cedia já o passo a uma nova corrente literária. É certo que se não se trata de caso único, dado que é visível, ao longo de toda a vida do periódico, um certo predomínio dos poetas românticos, tanto portugueses quanto brasileiros. Precisamos, contudo, de levantamentos semelhantes para outros autores de modo a podermos extrair conclusões mais seguras sobre o significado destes dados. De qualquer modo, podemos notar que a assiduidade de Casimiro de Abreu no (*Novo*) *almanaque* acompanha *grosso modo* as edições portuguesas de *Primaveras*, que se vão sucedendo de modo mais ou menos regular até meados do século passado, altura a partir da qual o poeta cai num relativo esquecimento que se mantém até aos dias de hoje.

---

## Referências

---

ABREU, Casimiro J. M. *As Primaveras*. Rio de Janeiro: Typ. de Paula Brito, 1859.



ABREU, Casimiro J. M. *As Primaveras*. Segunda edição accrescentada com poesias inéditas do author, o juízo critico de diferentes escriptores e um prologo por J. D. Ramalho Ortigão. Porto: Typographia do Jornal do Porto, 1866.

*ALMANACH de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1858*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1857.

*ALMANACH de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1859*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858.

*ALMANACH de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1860*. Lisboa: Typographia Franco-Portugueza, 1859.

*ALMANACH de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1861*. Lisboa: Typ. da Sociedade Typographica Franco-Portugueza, 1860.

*ALMANACH de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1866*. Lisboa: Typ. da Sociedade Typographica Franco-Portugueza, 1865.

*ALMANACH de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1867*. Lisboa: Typ. da Sociedade Typographica Franco-Portugueza, 1866.

*ALMANACH de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1869*. Lisboa: Typ. Franco-Portugueza, 1868.

*ILLUSTRAÇÃO Luso-Brazileira*. Lisboa. I, 16 (19 abr.), 1866.

*NOVO ALMANACH de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1873*. Lisboa: Lallemand Frères, Typ., 1872.

*NOVO ALMANACH de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1874*. Lisboa: Lallemand Frères, Typ., 1873.

*NOVO ALMANACH de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1878*. Lisboa: Lallemand Frères, Typ., 1877.

*NOVO ALMANACH de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1884*. Lisboa: Lallemand Frères, Typ., 1883.

*NOVO ALMANACH de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1885*. Lisboa: Lallemand Frères, Typ., 1884.

*NOVO ALMANACH de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1888*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1887.

*NOVO ALMANACH de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1889*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1888.

*NOVO ALMANACH de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1893*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1892.

*NOVO ALMANACH de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1895*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1894.

*NOVO ALMANACH de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1898*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1897.

NOVO ALMANACH de lembranças luso-brasileiro para o ano de 1924. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1923.

NOVO ALMANACH de lembranças luso-brasileiro para o ano de 1930. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1929.

---

### Para citar este artigo

---

TOPA, Francisco. Casimiro de Abreu no (Novo) Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 1, p. 188-197, jan.-abr. 2024.

---

### Autoria

---

**Francisco Topa** é Professor Associado do Departamento de Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e membro integrado do CITCEM. Leciona nas áreas de Literatura e Cultura Brasileiras, Crítica Textual, Literaturas Africanas e Literaturas Orais e Marginais. Doutorou-se em Literatura, em 2000, na mesma Faculdade, com uma tese sobre o poeta barroco Gregório de Matos. Obteve em 2016, também na FLUP, o título de Agregado em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos, especialidade de Literatura e Cultura. É, desde 2019, o responsável pela Cátedra Agostinho Neto na FLUP. A sua investigação tem estado dirigida para a literatura portuguesa e brasileira, sobretudo as dos séculos XVII e XVIII, para as literaturas africanas para algumas áreas da literatura oral e marginal. Dentre os cerca de 200 trabalhos que publicou é possível destacar os seguintes volumes, todos de 2022: *Cláudio Grugel do Amaral – Monte de Apolo, Parnaso das Musas* (Introdução, edição e notas); *Agostinho Neto: A morte do 'heroico lutador pela libertação dos povos' nos jornais portugueses*; *Património em extinção? Formas e usos da literatura oral e/ou popular*; *Versos do Monte Testáceo: Crónicas luso-brasileiras sete e oitocentistas*. E-mail: [franctopa@gmail.com](mailto:franctopa@gmail.com); ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6929-5618>.